



República da Guiné-Bissau
Ministério da Saúde Pública



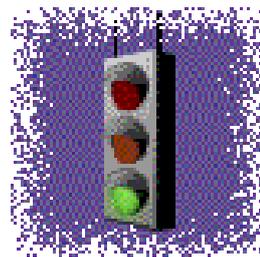
INQUÉRITO CAP 2002

C/O PSI

*Síntese dos resultados preliminares
(por validar)*

Por :
Inácio C. Alvarenga Júnior
(Consultor independente)

Julho 2003



Características gerais da população inquirida

A amostra de 1755 indivíduos abrangeu em 49% a categoria de jovens com idade entre 15 e 24 anos, e em 51,5% os indivíduos do sexo feminino. Mais de metade dos indivíduos é analfabeta (51,5%) e menos de 1% teve acesso ou formação universitária. Ainda metade da amostra é casada, assim como o percentual de religiões a descair para a muçulmana.

É de salientar que 80 % dos inquiridos não tem acesso à electricidade, mas 95% possui receptores de rádio ou ainda 13% possui receptores de TV. Contudo, todo o mundo tem acesso às emissões de rádio e de TV. Por outro lado, e como sinal de incoerência (a não ser que a frequência escolar não implique saber ler), habitual neste tipo de inquiridos, ao invés dos 50% de indivíduos declarados escolarizados, só 46% de facto sabe ler. Dos que sabem ler, só metade lê jornais, ou seja 23% da amostra geral.

Estes dados relativos aos índices de alfabetização e acesso aos meios modernos de informação revelam-se de extrema importância na priorização dos veículos de comunicação, podendo estes últimos ser mais interactivos e mais simples possível.

A idade mediana da primeira relação sexual é de 16 anos, no entanto, ela é mais precoce nos analfabetos, nos muçulmanos e outras religiões diferentes da animista, católica e protestante, noutras regiões comparadas a Bissau, excepto em Cacheu aonde a idade mediana é de 17 anos.

Conhecimentos dos meios contraceptivos

Sessenta por cento dos inquiridos participou respondendo aos conhecimentos sobre os métodos de contracepção em que 29% das pessoas conhece as pílulas, 77% conhece o preservativo masculino, 6% conhece o preservativo feminino e 48% conhece o dispositivo intra-uterino (anilha). Os outros métodos são conhecidos numa forma marginal, mas talvez merecendo atenção a prática de métodos tradicionais conhecida em 11% dos inquiridos. A interrupção do coito é o conhecimento mais marginal, com somente 1% dos inquiridos a mencioná-la. Surpreendentemente, a abstinência ronda os 3%, quando, tradicionalmente era o método que antigamente mais se praticava em associação com o aleitamento. Sem nítida tendência, são as pessoas mais jovens que menos conhecem este método, enquanto que as pessoas com acesso universitário, as pessoas praticantes de outras religiões inespecíficas e as do catolicismo, as residentes em Bissau e Região de Cacheu são as que destacam-se melhor no conhecimento do referido método.

O preservativo masculino

Concernente ao preservativo masculino, o nível de conhecimento é inversamente proporcional à idade, ou seja, os mais jovens conhecem-no melhor. Os homens, os solteiros, as pessoas com acesso universitário, conhecem-no também melhor. No tocante à religião, a muçulmana conta com os níveis mais diminutos. A nível das regiões chega os 79% excepto em Gabú e Bafatá com 68 e 74% respectivamente. Portanto, em termos territoriais, a Província Leste, também de predominância muçulmana, carece de vulgarização do preservativo masculino.

O preservativo feminino

O preservativo feminino ainda não é sobejamente conhecido. O nível de seu conhecimento varia de 10 a 8% entre as faixas etárias de 20 a 24 anos e 25 a 29 anos respectivamente. Os indivíduos do sexo masculino são mais conhecedores deste dispositivo em comparação com os indivíduos supostos utilizarem-no, os do género feminino. Os casados são os que menos o

conhecem, assim como os animistas em termos religiosos. A proporção dos que o conhecem é duas vezes superior comparada com a das outras religiões, niveladas em torno dos 5%, excepto os animistas em torno dos 2%. Em termos geográficos, em Gabú é que a proporção (10%) duplicou as demais regiões neste conhecimento, excepto em Bissau, aonde a proporção é a mais baixa (2%).

Historial de métodos contraceptivos utilizados no passado

Uma tendência é notória e em princípio determinada pelos indivíduos do género masculino (25% contra 5% feminino) em como quanto mais jovem for o indivíduo mais frequente se faz recurso ao preservativo masculino. Isto aplica-se ao estado civil em que os solteiros mais do que casados que por sua vez mais do que os divorciados e regionalmente em Bissau maioritariamente fazem recurso ao preservativo masculino como meio contraceptivo. Excepto as religiões animista e outras (inespecíficas) as demais religiões constituem em igualdade 17% cada uma de indivíduos que recorrem ao preservativo, fazendo assim a média. Para dar a ideia que o uso dos outros demais métodos é efectivamente marginal, note-se que 72% dos entrevistados nunca chegou de usar nenhum dos métodos. Também é notório que 12% das mulheres, essencialmente as viúvas e divorciadas, as com idade entre 30 e 34 anos, as católicas e as residentes em Bissau fazem recurso ao dispositivo intra-uterino para a contracepção. Dos quase 1% de indivíduos que conseguiram abster-se, eles estão maioritariamente nas idades entre 45 e 49 anos, em Bissau, e, pertencentes às outras religiões inespecíficas.

Historial de métodos contraceptivos actualmente em utilização (destaque comparativo à prática anterior)

O preservativo masculino é actualmente utilizado em 33% contra 17% anteriormente. São também os mais jovens, solteiros, do género masculino, católicos e residentes em Bissau os mais o utilizam. A utilização actual da pílula diminuiu em metade (1% contra 2% anteriormente) mas ao contrário, o recurso à abstinência aumentou, duplicou a prática anterior que era de 0,7%. Este acréscimo releva-se dos indivíduos entre 45 e 49 anos de idade, os do género feminino, os com frequência ou grau universitário, nos católicos e Bafatá em particular.

Conhecimentos sobre o VIH/SIDA

Nunca ouviram falar sobre o VIH/SIDA

Duzentos e onze indivíduos (12%) pertencem à esta categoria, e, destes, 66% estão na idade entre 15 e 29 anos, 68% são do género feminino, 91% iletrada, 60% muçulmanos e entre os residentes de Gabú, Cacheu e Bafatá (respectivamente com 38, 25 e 17%).

Já ouviram falar sobre o VIH/SIDA

Dos 88% que acederam a informações sobre o VIH/SIDA só um pouco mais de metade (53%) reteve as noções correctas sobre as possibilidades de transmissão enquanto 42% não tinha certezas do que sabia. Dos que apontaram com certeza os seus conhecimentos o maior percentual recaiu sobre as idades entre os vinte e 34 anos de idade, os homens superam as mulheres em 25%, a pertença às duas religiões cristãs, assim como as diferenças importantes do facto de habitar Bissau e ter frequência ou formação universitária.

Os indivíduos que têm noções exactas das falsas informações sobre o VIH, seus modos de contaminação são somente 30%. Vinte e cinco por cento possuem certezas falsas contra uma maioria de 45% de indivíduos com incertezas sobre o que sabem como falso.

Formas de protecção

Dos 1755 indivíduos, 54% aponta o preservativo, 45% a fidelidade tal como a biosegurança e 41% a abstinência como formas de protecção. O percentual de masculinos é o dobro do de femininos a apontar o preservativo. Esta tendência é válida para todos os outros métodos apontados. *Isto pode ser discutível, embora o inquérito não o tenha medido, sabe-se que, a par dos factores sócio-culturais que desfavorecem os indivíduos do género feminino, a utilização por eles de um dos métodos contraceptivos exclusive o condom, faz subentender a contracepção a uma parte considerável destes indivíduos como sinónimo de protecção contra o VIH/SIDA.*

As idades extremas, ou sejam, de 15 a 19 anos e de 40 a 49 anos, constituem os percentuais aquém das médias percentuais citadas acima para cada um dos métodos de protecção. Esta tendência também é válida para a escolaridade no que concerne a fidelidade e abstinência. Os percentuais mais baixos cabem aos iletrados e aos com acesso à formação universitária, excepto para as relações sexuais e para a biosegurança aonde existe uma correlação positiva entre o nível de conhecimento e o nível de escolaridade.

Em relação ao estado matrimonial, os casados são os que menos conhecem os meios de protecção comparados aos solteiros e viúvos e divorciados.

Quanto às religiões, os animistas e os praticantes de outras religiões não especificadas são os que menos conhecem os meios de protecção.

No que respeita a distribuição geográfica, a região de Cacheu é a mais desfavorecida em todos os métodos, seguida das regiões de Tombali e Gabú.

Práticas

A utilização do preservativo aquando da última relação sexual com parceiro/a regular

Só 38% dos indivíduos (661/1755) afirmam terem parceiros regulares. Paradoxalmente, os casados são os que menos têm parceiros regulares comparados aos não casados, ou seja, 20% (178/879) contra 55% (483/876). *Estes dados sugerem que a promiscuidade se passa mais entre casados.* No entanto, a utilização do preservativo com parceiro/a regular representa 15% de casados contra 26% de não casados.

A situação entre casados mostra-se assim: maior uso nas idades entre 25 e 39 anos, nos homens (3 vezes superior do que nas mulheres), com tendências crescentes directamente dependentes do grau de escolaridade, nas religiões animista, muçulmana e católica e por fim, somente nas regiões de Bissau e Bafatá.

A situação entre os não casados revela-se de maior uso entre os nunca casados do que os viúvos e divorciados, também é acentuado nas idades entre 15 e 29 anos, nos homens (2 vezes superior do que nas mulheres), com tendências crescentes directamente dependentes do grau de escolaridade, nas outras religiões (não específicas) e por fim, mais baixo somente nas regiões de Gabú e Tombali.

A utilização do preservativo aquando da última relação sexual ocasional

*Há a notar que metodologicamente, o denominador utilizado para estes cálculos não é o mais ajustado, diluindo e podendo até falsear os resultados aqui interpretados. No lugar do universo completo, devia-se pegar o sub-universo de pessoas que tiveram relações sexuais ocasionais somente como denominador (**comportamento**) donde seriam extraídos os que utilizaram o preservativo.*

Foram 109 indivíduos, ou 6% do universo estudado (e **não do sub-universo de pessoas que tiveram relações sexuais ocasionais, o que seria o mais correcto**) que admitiu ter utilizado o preservativo aquando da última relação sexual ocasional. O maior percentual de utilizadores reside no grupo etário de 20 a 24 anos (12%), seguido do grupo constituído por indivíduos de 25 a 29 anos. Os jovens de 15 a 19 anos têm proporções (4%) quase idênticas com os mais idosos, de 40 a mais anos. Onze porcentos dos homens utilizaram preservativos contra 2% das mulheres. Contrariamente aos níveis de conhecimentos e graças aos indivíduos com acesso universitário, são estes e os iletrados que menos usam preservativos nas relações ocasionais, falsificando assim a correlação positiva que existe entre o nível académico e os resultados pretendidos.

Os solteiros com 9% de utilização, dobraram as outras categorias (casados e divorciados), enquanto que é entre os protestantes que menos se utiliza o preservativo nas relações ocasionais. Só Bissau e Gabú destacam-se das demais regiões com percentuais acima ou igual à média (8 e 6% respectivamente).

Atitudes

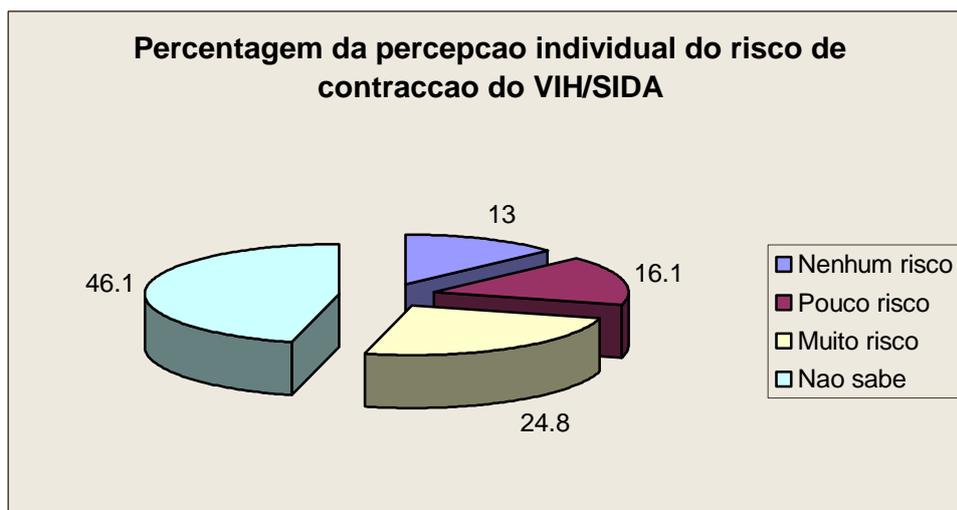
Dos 1755 inquiridos, os seguintes resultados aparecem como eloquentes da necessidade de desvendar os estigmas à volta dos seropositivos e doentes de SIDA. É encorajador que 7% de indivíduos reconhece que teve um próximo com VIH/SIDA, no entanto 63% ainda julga ser um problema distante deles.

Também é encorajador que 22% dos inquiridos aceitem prestar cuidados aos pacientes com SIDA, e é a mesma percentagem a achar que o facto de ser seropositivo ou doente não diminui ou retira os direitos que os cidadãos comuns possuem, assim como 36% pensa que os doentes de SIDA merecem atenção de saúde maior comparados aos doentes de outras patologias também graves, enquanto que 19% pensa tratar estas duas categorias de doentes de igual modo.

O que é desencorajador é que pelo menos 55% ou mais dos inquiridos persistem com atitudes negativas à volta do VIH/SIDA.

Avaliação do risco pessoal

As pessoas que se sentem isentas de risco são poucas, constituem 13% enquanto a maioria das pessoas persiste nas incertezas.



Quarenta e um por cento das pessoas estimam terem-se expostos ao VIH/SIDA, em que 25% do total dos inquiridos admitem-se de alto risco. De entre os indivíduos que se consideram de alto risco, quanto mais se é jovem mais eles se classificam nesta categoria, salvo os de idade entre 15 e 19 anos que se classificam em níveis idênticos aos das pessoas mais idosas (40 a 49 anos). Nesta categoria de risco, os homens sentem-se em risco quase em 75% a mais do que as mulheres.

Os universitários e os iletrados são os que apresentam menores proporções entre os que consideram de maior risco. Entre os praticantes da fé, os muçulmanos e os indivíduos que habitam as regiões de Bafatá e Gabú, apresentam-se menos percebidos dos riscos que lhes envolve.

Negociação do uso de preservativos

O uso do preservativo é negociado em 9% dos casados contra em 29% dos não casados.

Mais descrições estratificadas por sexo, idade, etc... não possíveis por ora, por falta de tabelas descritivas e estratificadas do estado civil

Conclusões e especulações

Antes de tudo, há que salientar que os resultados estão polarizados pejorativamente em favor das mulheres, ou seja, os esforços de aumentar o acesso a informação, capacidade de avaliação de riscos pessoais e de protecção individual como a capacidade de negociação do sexo seguro, devem ser dirigidos essencialmente em favor dos indivíduos do sexo feminino. Isto não significa deixar de trabalhar com os indivíduos do sexo masculino, porque a sociedade é machista, mas porque a eficácia do trabalho com os indivíduos do sexo feminino terá repercussões positivas no pouco de esforço que se irá desenvolver junto aos do sexo masculino.

Em termos regionais, Bissau aponta os melhores resultados, enquanto que a província Leste apresenta sistematicamente os piores resultados, excepto no que concerne o conhecimento do preservativo feminino (em Gabú).

Com um grau de analfabetismo de 54% revelado entre a população estudada, pode-se esperar que os suportes de informação escrita não devem atingir convenientemente esta população através de jornais. Os outros suportes escritos como posters, brochuras, desdobráveis, etc..., devem ser muito específicos a um certo grupo populacional, mesmo dentro de um grupo alvo determinado, e obviamente após testes concordantes. Os suportes interactivos devem se calhar

ser primórdios. Lembre-se que das pessoas que nunca ouviram falar do VIH, 91% é iletrada e a maioria está na idade entre os 15 e 29 anos.

A idade mediana da primeira relação sexual está situada nos 16 anos, implicando que os esforços preventivos devem começar muito antes desta idade. É notório que a abstinência tenha aumentado, mas isso acontece com os indivíduos após os 40 anos e não com os jovens.

Os casados são os que têm mais parceiros irregulares e a par disso, os que menos utilizam os métodos contraceptivos, em particular os preservativos. Até que ponto a noção de ser casado não esconderá erroneamente a noção de segurança e isenção de riscos para as IST e VIH?

Supõe-se que a utilização do preservativo durante a última relação sexual ocasional seja de longe superior a 6% (problema de denominador)

Não obstante o questionário aplicado não o ter medido, mas os resultados pejorativos e marginais em termos de noções de exposição ao risco para as mulheres, pode prender-se com o facto de se utilizar um dos métodos de contracepção modernos que não seja o preservativo como sinónimo de protecção contra o VIH, e contribuir assim no fraco poder de negociação do sexo seguro.